

Com Brasil

Sinais de recessão 25 ABR 1990

ESTADO DE SÃO PAULO

Um excesso de otimismo poderá conduzir o Plano Brasil Novo ao malogro. A afirmação pode parecer paradoxal ante a evidência de que a grande arma dos autores da iniciativa é a *overdose* que caracteriza o controle da liquidez, o que permite "abrir as torneiras" sem colocá-la em perigo. Mas não se pode deixar de lado o componente psicológico que a sustenta. O apoio popular decorre da convicção de que a inflação será controlada sem que o País caia numa recessão marcada por um desemprego em massa. Todavia, a impressão de que já vencemos a batalha da inflação e de que a atividade econômica logo voltará ao normal pode levar a grande frustração daqueles que ora apóiam incondicionalmente o Plano. Melhor seria que não se promettesse mais do que se pode dar.

O presidente do Banco Central, com justa razão, explica que o combate à inflação ainda está longe do êxito, tendo a ministra Zélia Cardoso de Mello avisado precavidamente, por sua vez, que, ao prefixá-la em zero, não está garantindo a imutabilidade dos preços. Verifica-se, todavia, nos

meios governamentais uma tendência a negar a ameaça de desemprego, que seria um sinal de recessão. A Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) houve por bem divulgar uma pesquisa que englobou 755 empresas em que atuam 497,6 mil trabalhadores, universo bastante significativo para que se possa acompanhar a situação da indústria paulista. A conclusão que se extrai dos dados publicados, ao influxo do "tem de dar certo", é a de que se assiste agora a uma normalização das atividades. Sem alarmismo, convém todavia interpretar com cautela esses dados, sabendo-se que, se uma recessão é aceitável, cumprirá ao governo afastar uma depressão que um economista despreze como uma situação em que nem sequer se renovam os fatores de produção existentes.

A Fiesp quis mostrar que já se superou a fase mais dramática, em que ocorrera, logo depois da divulgação do Plano, uma quase paralisação das vendas. De fato, na segunda quinzena de março 60% das empresas registravam uma queda entre 81 e 100% de suas

vendas à indústria, e de 50% daquelas dirigidas ao comércio.

Um quadro desolador, especialmente quando, sem liquidez, tinham de recorrer a um crédito muito caro para pagar suas folhas salariais. Nas duas primeiras semanas de abril, a situação acusou nitida melhoria: "apenas" 48,6% das empresas continuam a registrar essa preocupante queda das vendas a outras indústrias, e 25,4% quando se trata de vendas feitas ao comércio. Daí a afirmação de que houve uma recuperação das atividades, o que, porém, ao que nos parece, seria exagerado qualificar de aquecimento. Cumpre interpretar os dados no seu dinamismo.

Tal revivescência da atividade industrial era previsível: houve, em primeiro lugar, um aumento das vendas no varejo, que se aproveitou de uma "bolha" de demanda provocada por uma redução da poupança popular resultante do Plano Brasil Novo; com cruzeiros, pôde então o comércio, numa segunda etapa, reiniciar seus pedidos à indústria. Todavia, nem todas as empresas voltaram à normalidade, uma vez que 25%

delas estão em situação de quase paralisação.

O que nos parece importante é assinalar que para 61% das empresas consultadas os pedidos continuam sendo pelo menos 50% inferiores ao normal e que apenas 27% delas apostam na normalização ou até na ampliação dos negócios. Bastante pessimistas ficam 73%. Isso explica que 28,6% das empresas ouvidas estejam prevendo uma redução da jornada de trabalho e 14,37%, uma dispensa de pessoal. Efetivamente, se tal ocorrer, assistir-se-á a um processo recessionista que demandará medidas atenuantes. Não será um aumento da construção da casa popular que permitirá dar empregos ao torneiro do setor automobilístico ou da indústria de base.

Cumpre ter-se consciência de que a recessão poderá ampliar-se nos próximos meses, e de que incumbe ao governo estar pronto para prever medidas anti-recessivas, uma vez que se outorgou todos os poderes ao sequestrar a poupança. O pior seria ignorar que estamos ingressando num processo de recessão o qual, entregue a si mesmo, exercerá fatalmente efeitos de bola de neve.